

Ulysses, de 'baterias recarregadas': novo Regimento será votado na terça

SÃO PAULO — O Presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães, deixou ontem o Instituto do Coração garantindo que está com "as baterias recarregadas" e pronto para assumir a Presidência da República no dia 26, quando o Presidente José Sarney viaja ao México. Ao chegar à sua casa, não resistiu e disse em inglês: "Home sweet home (lar doce lar)". Este ano, ele só esteve três vezes em sua residência, por causa da Constituinte.

Ulysses admitiu, pela primeira vez, que o Regimento Interno da Constituinte será alterado e disse que as modificações serão votadas na terça-feira. Manifestando uma opinião diferente da que tinha antes de se internar, Ulysses classificou as mudanças no Regimento de indispensáveis ao bom andamento dos trabalhos constitucionais. Disse que aproveitará sua permanência de três dias em São Paulo para estudar mais de 50 emendas com propostas de alteração que já estão em seu poder. Depois disso, deve retornar a Brasília no domingo e na segunda-feira espera reassumir a Presidência da Constituinte.

Ulysses condiciona a eventual lançamento de sua candidatura à Presidência à definição do sistema de governo, observando que um bom candidato para o parlamentarismo não é necessariamente o melhor candidato à Presidência.

Ulysses aproveitou para mandar um recado aos seus adversários políticos que consideram seu estado de saúde um empecilho para que possa se candidatar à Presidência:

— Se este for o motivo alegado, desta dor de barriga não morrerei. Saio do hospital em melhores condições do que entrei e, além disso, fui



Ulysses posa para os fotógrafos com o neto Paulo e a mulher, Dona Mora

convencido pelos médicos de que o que mata é não gostar do que se faz. Eu adoro a política, a política está no meu sangue, está na minha vocação e no meu destino. Dos adversários se compreende que pensem assim, especialmente os rancorosos. Grave é quando o povo acha o mesmo.

Admitindo que, mesmo antes da votação da duração do mandato presidencial, Sarney já sentia a solidão do poder, Ulysses interpretou a visita do Presidente a Goiânia como uma forma de romper a solidão. Ele concorda com a decisão de Sarney de se concentrar nas atividades administrativas.

— Acho que é disso que a Nação precisa neste momento, porque os problemas já estão mais ou menos definidos na Constituinte.

Sobre a afirmação do Presidente de que, após a votação dos quatro anos, se sente livre para administrar o País sem sofrer pressão dos partidos, Ulysses disse que Sarney é experiente o suficiente para saber que um Governo democrático não é isolado e necessita se coordenar com as forças e partidos políticos que o apoiam.

— Garanto que, ao menos da parte do PMDB, o Presidente não terá dificuldade de governar. Se coordenar com os partidos não significa ser subjugado ou subordinado a eles.

Ulysses entende que a eleição presidencial em 1988 ainda não está definida e que isso só ocorrerá depois que a Constituinte se manifestar. No entanto, defendeu que os políticos amadureçam essa idéia e

examinem atentamente o que de fato a sociedade deseja.

— Aliás, estamos vendo o feitiço se voltar contra o feiticeiro nessa questão de diretas. Antes era para ser apenas eleição à Presidência, agora já se fala em eleições gerais — observou.

Ulysses afirmou que, assim como o Senador José Richa (PMDB-PR), acredita que só não houve ainda um golpe militar porque as Forças Armadas têm adotado uma posição legalista e desempenhado um papel fundamental na transição democrática.

— Conheço, freqüente, converso e sei o pensamento dos chefes militares. Eles estão plenamente identificados com o regime e com a democracia e têm sido, sem dúvida, um fator de estabilidade democrática e um fator para que a transição se opere.

Para Ulysses, o País está cheio de interrogações e a principal tarefa, nesta etapa, é terminar a elaboração da Constituinte, que, a seu ver, representará um grande avanço no sentido de garantir os direitos individuais e as conquistas sociais.

— Essa Constituição não vai ser gagá, vai ser uma Constituição contemporânea e moderna. Não será como a mulher de Lot, que virou estátua de sal porque se voltou para trás.

Ulysses afirmou que não acredita no surgimento de um partido com políticos egressos do PMDB, como propôs o Senador Fernando Henrique Cardoso (PMDB-SP). Na sua opinião, ocorreram divergências em função de éticas diferentes na elaboração da Constituinte, e não como consequência de incompatibilidade com o partido.

Richa reúne grupo para negociar com a esquerda e conservadores

O Senador José Richa (PMDB-PR) começou ontem a convocar os parlamentares que integraram o "Grupo dos 32" para uma reunião, terça-feira, em Brasília. Na reunião, serão definidos os pontos do texto aprovado pela Comissão de Sistematização a serem negociados à esquerda, com o MUP ("Movimento de Unidade Progressista", do PMDB), e à direita, com o "Centrão", que agrupa os conservadores.

O Deputado Francisco Dornelles (PFL-RJ) adiantou ontem, no Rio, que as negociações vão se concentrar, a princípio, na questão da estabilidade no emprego. Serão tentadas também alterações nos itens relativos ao monopólio da distribuição dos derivados do petróleo e à imprescritibilidade das ações trabalhistas.

Ao folhear o texto aprovado, Dornelles encontra o que classifica de "algumas aberrações", como o monopólio da distribuição do petróleo. E repisa a necessidade de se trocar o artigo que proíbe a demissão imotivada por outro que penalize o empresário com o pagamento de indenizações progressivas e proporcionais ao tempo de serviço.

Dornelles tem recebido informações do meio empresarial de que a simples possibilidade de a estabilidade aprovada pela Comissão ser confirmada pelo plenário já está provocando demissões. Ele antevê demissões em massa no intervalo entre a possível aprovação da estabilidade no plenário e a vigência da Carta.

As críticas à forma e ao conteúdo do artigo referente à estabilidade são tantas e de origem tão distintas — até mesmo lideranças sindicais têm se oposto — que Dornelles não tem mais dúvidas de que o plenário vai alterá-lo.

A imprescritibilidade das reclamações trabalhistas, pela via da negociação, pode ser substituída por um prazo maior — hoje é de dois anos —



Richa: em busca de conciliação

de prescritibilidade. O grupo também considera necessário alterar o artigo que obriga as empresas a compor seu quadro de pessoal com dez por cento de trabalhadores com mais de 45 anos.

Dornelles está convencido de que os constituintes, ao aprovarem o monopólio da distribuição do petróleo, não entenderam o alcance da medida. Esse artigo, alerta, pode levar à estatização completa da distribuição, na medida em que faculta à Petrobrás o direito de transferir a distribuição para empresas nacionais.

— E se outra direção da Petrobrás resolver fazer toda a distribuição? — pergunta.

Dornelles pedirá ao Ministro da Previdência, Renato Archer, que esclareça em quanto onerará os cofres do Ministério as novas formas de aposentadoria propostas.

— O dinheiro da Previdência não cai do céu. Hoje, a contribuição é de 12 por cento. Com essas novas formas de aposentadoria, essa contribuição passaria para 15, 20 ou 30 por cento? Isto é preciso ficar claro no momento da votação em plenário.

Empresário prega novo capitalismo

PORTO ALEGRE — O empresário Paulo Vellinho pregou ontem a necessidade da construção, no Brasil, do que chamou de um novo capitalismo, através da ação conjunta de empregados e empregadores. Ele fez a declaração ao criticar medidas aprovadas pela Constituinte que, segundo ele, levam o País a hostilizar o capital estrangeiro. E o certo, conforme acrescentou, seria o contrário: "Diante do desenvolvimento da economia mundial, atrair mais investimentos para o Brasil".

Vellinho reclamou que alguns brasileiros estão agindo como se o Brasil fosse o único local do mundo para investimentos internacionais, quando o que acontece mesmo, na sua opinião, é que ao ser hostilizado aqui, o capital estrangeiro tem várias outras alternativas.

Para Vellinho, existem no Brasil "nacionalistas por convicção e nacionalistas por conveniência" e uma nação só é verdadeiramente soberana quando tem leis e regras a que todos obedecem em busca do bem comum. O empresário afirmou que, para o Brasil se beneficiar com a movimentação dos capitais internacionais, necessita, basicamente, de seriedade e manutenção das regras do jogo, depois delas serem estabelecidas.

Por fim, Vellinho acusou muitos do que estão numa suposta defesa do povo de estarem, na realidade, "condenando este povo à miséria" e defendeu uma nova proposta de capitalismo: "Está na hora de empregado e empregador se reunirem para a construção de um novo capitalismo entre nós".

Americano acha que Constituinte é um desastre

RÉGIS NESTROVSKI
Correspondente

NOVA YORK — "A Constituinte é um desastre". A afirmação é do Chefe do Departamento de Ciência Política da Universidade Johns Hopkins, Riordan Roett, em palestra para a Câmara de Comércio Brasil-Estados Unidos. Para Roett, a Constituinte vai levar o Brasil a se tornar uma mistura de Albânia com Bangladesh, por culpa dos políticos.

— Enquanto a economia brasileira se modernizou, a classe política não evoluiu e o País está na pior crise sócio-econômica em 25 anos. Só que ao contrário de 1962, os militares não são a solução — afirmou.

Roett acha que falta liderança política no Brasil.

— Há uma confusão entre a coisa pública, no caso, o Governo, e o setor privado. Os Ministros mudam de acordo com a conveniência do momento e o PMDB acredita que é uma holding com todo o Brasil como seus associados. O problema do Brasil não é a dívida externa nem as sanções comerciais, mas sim o uso do Estado para interesses pessoais. O déficit público não aumentou para dar comida aos pobres ou abrir hospitais, e sim para empregar mais gente — disse.

Roett disse que a implantação do parlamentarismo é mais um subterfúgio para adiar as verdadeiras decisões que devem ser tomadas.

— O Brasil não pode fugir do seu destino de nação industrializada e o parlamentarismo parte do pressuposto de um consenso entre os partidos na Constituinte, o que não ocorre. A direita quer a volta do Exército, que não é a solução, e a esquerda, uma revolução socialista interna que nem a URSS faria hoje em dia. As elites têm que tomar uma atitude. Os Estados Unidos já passaram pelo mesmo processo há 75 anos. São questões duras de desenvolvimento, mas que o Brasil não pode mais adiar, por causa da questão social.

Juristas prevêem que Constituição vai gerar crise nacional

BELÉM — Os professores Ives Gandra da Silva Martins, especialista em direito econômico da Universidade Mackenzie, e Celso Ribeiro Bastos, constitucionalista da Pontifícia Universidade Católica, ambos de São Paulo, criticaram o anteprojeto de Constituição e previram um colapso das instituições nacionais, caso não sejam adotadas medidas que adaptem a nova Carta aos verdadeiros anseios da população.

Ives Gandra e Celso Ribeiro Bastos, que estão em Belém para ministrar um curso sobre direito econômico, constitucional e tributário à luz da atual e da próxima Constituição, disseram que a Constituinte "medievalizou a economia, desestimulando a entrada de capital estrangeiro no Brasil".

De acordo com o professor da Universidade Mackenzie, essa posição terá duas importantes consequências: inviabilizar a entrada de empresas transnacionais no País e provocar retaliação contra as empresas brasileiras que atuam no exterior.

Ainda segundo Ives Gandra, a Constituinte busca realizar "um casamento impossível" ao tentar manter uma economia de mercado sob rígido controle do estado, sem que ocorra uma redução da eficiência da máquina estatal.

Para Celso Ribeiro Bastos, a preocupação da Constituinte com a ordem social "é demagógica" e os congressistas procuram distribuir "coisas que não existem". "É nacionalismo no pior sentido da palavra", frisou.

O professor da PUC de São Paulo destacou que a redução da jornada de trabalho para 44 horas não representa nenhum benefício para o trabalhador. "É uma idéia macunaímica".

Eles também se opõem à reserva de mercado para a informática e advertem que se aprovada nos moldes em que está na nova Constituição, representará "uma tirania do Legislativo, produto do trabalho de um grupo de esquerda, que deu um show de estratégia para alcançar o poder. Mas se mudar o Regimento, eles não agüentam".